

A Guerra Guaranítica¹

¹ Texto de Julio Quevedo

Em 1750, Espanha e Portugal assinaram um importante tratado que definiu as fronteiras de seus domínios coloniais na América. O acordo de limites assinado em Madri gerou disputas em torno do sul do Brasil.

Para a Espanha, o mais importante era garantir o controle do estuário do Prata e impedir o contrabando. Isso porque a região era a porta de saída de toda a prata extraída da Bolívia e do Peru. Portugal ficaria com os campos gaúchos dos Sete Povos das Missões e a Espanha receberia a área próxima à Colônia do Sacramento, uma fazenda lusitana plantada na margem esquerda do Rio da Prata, quase em frente a Buenos Aires. Para Portugal também era uma boa troca.

Apenas os jesuítas e os guaranis não ficaram satisfeitos com o acordo. Os líderes missioneiros nem sequer foram consultados nas negociações, e o tratado os atingia diretamente. Os novos limites redefiniam o espaço físico e o papel político das missões na fronteira luso-espanhola; as missões deixariam desguardiãs da fronteira espanhola; muitos povoados seriam extintos e milhares de índios teriam de ser removidos para a outra margem do rio Uruguai, perdendo muito do seu patrimônio – terras, plantações, estâncias e gado. Além disso, no outro lado do rio Uruguai já havia um grande número de povoados, e os campos disponíveis eram poucos.

Em resumo, além de sofrerem graves danos materiais, as missões estavam ameaçadas de perder boa parte de sua autonomia política e territorial. Nos Sete Povos das Missões, cerca de trinta mil pessoas seriam atingidas diretamente.

Por isso, quando as autoridades luso-espanholas chegaram ao sul, em outubro de 1752, para iniciar os trabalhos de demarcação, sentiram imediatamente a resistência dos líderes guaranis.

O clima de rebelião já havia se espalhado por todos os povoados quando o marques de Valdelírios (Espanha) e o general Gomes Freire (Portugal) presidiram o assentamento do primeiro marco da linha divisória em Castilhos Grandes, junto à lagoa Mirim. A partir do início de 1753, a tensão aumentou ainda mais. Muitos jesuítas se recusavam a seguir as ordens de seu superior, o padre Luís Altamirano, e boa parte da população de São Nicolau, São Miguel, São João e Santo Ângelo havia decidido não emigrar.

O confronto estava aberto. A guerra parecia inevitável e iminente. Em março de 1754, Valdelírios e Gomes Freire se uniram para definir uma estratégia comum contra as missões, apesar de os exércitos lutarem separados. As forças castelhanas, chefiadas pelo governador de Buenos Aires, dom José Andonaegui, dominariam o rio Uruguai e atacariam São Borja. As tropas portuguesas investiriam sobre Santo Ângelo. Enquanto os exércitos faziam preparativos para iniciar os ataques, os índios missioneiros de Sepé Tiarajú continuavam a se lançar contra os portugueses instalados nas proximidades do Rio Pardo.

No dia 12 de novembro, no auge do impasse entre os Portugueses e Guaranis, um emissário de dom José Andonaegui chegou ao acampamento português levando novas ordens: as tropas luso-espanholas deveriam retirar-se do território missioneiro. Este fato encerrava a primeira campanha de demarcação. Depois da assinatura do armistício com o General Gomes Freire, os caciques retornaram a seus povoados. Acreditavam que dali por diante a presença portuguesa se limitaria à confluência do rio Pardo com o Jacuí. De volta às Missões, procuraram reanimar a população, retomar as atividades produtivas e acabar com o sentimento de revolta. Já no Natal de 1754, porém os padres advertiam os índios: aquela paz seria transitória.



Na corte espanhola, as notícias sobre a lentidão das operações militares e da demarcação de fronteira não eram bem recebidas. Em outubro de 1755, o governo de Madri mandou um comunicado ao governo português assegurando que as operações seriam intensificadas e o Tratado de 1750 seria cumprido integralmente.

A segunda campanha de demarcação se inicia em janeiro de 1756. Gomes Freire reuniu-se com dom José Andonaegui no lugar marcado. O comandante português trazia 1600 homens e uma grande quantidade de carretas, cavalos, mulas e bois. O exército espanhol era composto de 2300 combatentes, entre cavaleiros, lanceiros e milicianos, além de canhões, muitas carretas e animais transportando suprimento e munições. A demonstração de força não deixava dúvidas: as metrópoles estavam decididas a acabar logo com a resistência guarani em suas colonias. Os dois exércitos iriam marchar em separado mas com movimentos sincronizados, com os espanhóis à esquerda e os portugueses à direita. A 18 de janeiro, os combatentes do comando espanhol avisaram os portugueses de que na sua retaguarda, a uma distância de duas léguas (doze quilômetros), havia mais ou menos cinco mil índios guaranis. Relataram ainda terem recebidos uma mensagem dos nativos: apenas os espanhóis poderiam entrar no território das missões; os portugueses seriam barrados, porque, segundo os índios, haviam desrespeitado o acordo celebrado em rio pardo.

Dias depois, no entanto, os dois exércitos marcharam juntos até Santa Tecla. Não encontraram mais nada no posto – nem índios nem animais. Tudo havia sido destruído e queimado. O mesmo cenário foi encontrado nos campos das missões. Postos e povoados abandonados, pastos queimados. Parecia que os índios haviam desistido de lutar.

Os guaranis não haviam fugido: preparavam-se para resistir. Sabendo que não poderiam enfrentar de uma só vez forças tão superiores em homens e armas, concluíram que seriam melhor insistir nas guerrilhas.

Ainda no final de janeiro de 1754, o capitão Sepé Tiarajú conseguiu arregimentar cerca de 1300 índios em diversos povoados. Sua estratégia principal era fustigar o inimigo com pequenos ataques e emboscadas, não lhe dar trégua, inquietá-lo, cansá-lo e retardar ao máximo a sua marcha. Continuariam a queimar os pastos e a destruir os ranchos.

O objetivo final era impedir que os portugueses e castelhanos atravessassem a serra geral e invadissem a região dos Sete Povos. Ao mesmo tempo, os índios procuravam ganhar tempo, na esperança que o rei de Espanha anulasse o Tratado de Madri. Não eram todos os Trinta Povos que resistiam. Mesmo entre os Sete Povos do lado gaúcho, nem todos os povoados aderiram à causa guarani. Isso mostra que as populações indígenas não tinham plena consciência da verdadeira dimensão político-militar da guerra, restando aos combatentes continuar a guerrilha contra um exército coeso e muito superior.

No começo de fevereiro, as tropas luso-espanholas ainda avançavam por estâncias e campos vazios e destruídos. No dia 7, numa escaramuça ao cair da noite, um grupo de índios foi cercado e atacado por tropas castelhanas. A primeira carga da cavalaria matou grande número de índios, entre os quais o cacique Sepé Tiarajú. Derrubado do cavalo, foi ferido por um golpe de lança e depois recebeu um tiro de pistola.

A morte de Sepé Tiarajú apressou a derrota das forças indígenas, já bastante desgastadas. Dias depois, em 10 de fevereiro, sofreram outro massacre, em Caiboaté (atual município de São Gabriel-RS), onde 1500 índios morreram e outros tantos se renderam aos invasores. Com essa derrota, os guaranis estavam definitivamente vencidos.



Alguns grupos continuaram a resistir até fins de maio, mas sem nenhuma possibilidade de vitória. Seu plano tático, a luta de guerrilhas, estava esgotado. Em 17 de maio de 1756, Gomes Freire chegou triunfalmente a São Miguel, um dos últimos redutos da resistência missioneira. Pouco depois, o comando português estabelecia seu quartel-general em Santo Ângelo, enquanto os castelhanos se fixavam em São João. As missões, finalmente, haviam sido dominadas.

Já no mês seguinte se reiniciaram os trabalhos de demarcação da fronteira e começou a remoção dos guaranis missionários para a margem direita do rio Uruguai. Em cinco meses, cerca de sete mil famílias foram removidas. Calcula-se que muitas centenas de índios dispersaram-se pelos campos ou esconderam-se nas matas. Outros simplesmente ficaram onde estavam, mesmo depois da demarcação. Em 1761, o Tratado de El Pardo anula os artigos do Tratado de Madri que se referiam ao Cone Sul da América. Os índios podem retornar aos Sete Povos.